

ESPALHA EDH

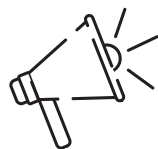


Informativo mensal sobre Educação em
Direitos Humanos

TEMA DO MÊS: MIGRANTES

FOTO DE BRYAN SEMPETEGUI

ESPALHA EDH



Informativo mensal sobre Educação em Direitos Humanos

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Ricardo Nunes
Prefeito

**SECRETARIA MUNICIPAL DE DIREITOS HUMANOS
E CIDADANIA - SMDHC**

Secretária Municipal
Claudia Carletto

Secretária Adjunta
Juliana Felicidade Armede

Chefe de Gabinete
Luiz Orsatti Filho

**Departamento de Educação em Direitos
Humanos**

Diretora
Renata Mie Garabedian

Assessoras

Sophia Felix Medeiros
Tayná Rodrigues Salviano
Vera Velozo

Estagiários

Ana Joyce Ribeiro
André Ribeiro Carnelossi
Karine Yukari Shiroma

15 Edição
Junho, 2021

Realização

Departamento de Educação em Direitos Humanos

Parceria

Coordenação de Políticas para Imigrantes e
Promoção do Trabalho Decente

Coordenador

Vinicius Duque

Assessores

Ana Léon
Bryan Rodas
Fabio Ando Filho
Nadia Solange Clemente Vaz Ferreira

Estagiários

Boaz Mukuna Kapuku
Diego Francisco Ferreira da Silva
Gabriela Mika Tanaka

Revisão

Sophia Felix Medeiros

Concepção gráfica e diagramação

Renata Mie Garabedian

CARA LEITORA E CARO LEITOR

A migração é o deslocamento de indivíduos entre espaços geográficos, é um fenômeno histórico que permeia a construção de nossa sociedade. Migrantes, portanto, são aqueles que migram de um território para outro.

São Paulo é formada por paulistanos e paulistanas de todas as nacionalidades, que enriquecem a economia, a cultura, os bairros e as ruas de nossa cidade. Por isso hoje temos um compromisso assumido, na forma de uma política pública para acolhimento, integração e valorização cultural.

Em comemoração ao Dia do Imigrante, celebrado no último dia 25, e ao aniversário de 5 anos da Política Municipal para População Imigrante, nesta edição do Espalha EDH, voltamos o olhar para os migrantes que aqui constroem suas histórias, fazendo da cidade um local de diálogos interculturais.

Trazemos na seção EDH na Rede uma entrevista com a educadora Cristiane de Novais Almeida, idealizadora e responsável por projetos que promovem ações de acolhimento à crianças e suas famílias na escola.

No texto Gastronomia da diáspora africana em São Paulo, da seção Cultura DH, discutiremos sobre culinária, pertencimento e resistência.

O bairro da liberdade é cenário da seção Territórios EDH, onde falamos sobre o curta metragem Liberdade (2018) e entrevistamos Aboubacar Ngazy Sidibé, que relatou a experiência de participar do filme e o seu contexto intercultural

Em Perfil, publicamos um texto de Oriana Jara - cujo direito de reprodução foi gentilmente cedido pelo [Migramundo](#). O texto, além de falar sobre ser mulher e imigrante, é também uma forma lembrar e homenagear Oriana, figura marcante na luta pelos direitos da população imigrante da cidade de São Paulo.

EQUIPE EDH

EDH NA REDE



Entrevista com Cristiane de Novais Almeida, que realizou o projeto “Acolhimento à crianças em processo migratório”, inscrito no prêmio EDH, em 2019.



<https://youtu.be/5rHWkD13HQ8>

CULTURA DH

GASTRONOMIA DA DIÁSPORA AFRICANA EM SÃO PAULO

Hortence Mbuyi

Maria Fernanda Pascoal

(...) a pátria não é uma bandeira e nem um hino, mas a soma aproximada de nossas infâncias, nossos céus, nossos amigos, nossos mestres, nossos amores, nossas ruas, nossas cozinhas (...)

Mario Benedetti

O reconhecimento e a valorização da diversidade cultural das pessoas e comunidades imigrantes por meio de sua culinária tornam e mantêm a dimensão intercultural em uma sociedade. Os símbolos e significados em torno dos alimentos e suas formas de preparação remetem às origens e às raízes dos povos, bem como, aos territórios. Tais signos se transformam através do tempo em diferentes contextos sociais. Eles também estão arraigados à trajetória migratória e são uma maneira de reivindicação do pertencimento étnico e cultural.

“Você não ofendeu só o chef, nem a comida, foi toda uma cultura. Foi um povo que você ofendeu”, responde a imigrante congoleza Hortense Mbuyi, em um vídeo questionando os comentários discriminatórios e xenófobos emitidos em um programa televisivo no dia 27 de abril, em que o chef camaronês Chef Sam, foi convidado para apresentar a culinária africana. A fala da apresentadora e do jornalista no referido programa foi repudiada por vários imigrantes que se manifestaram diante o sucedido, reivindicando o respeito e a valorização de sua cultura.

No combate contra o racismo e a xenofobia, imigrantes enfrentam muitas violências contra seus costumes e identidades diaspóricas. A diáspora é um termo que remete à ideia de dispersão ou deslocamento de pessoas e povos e caracteriza grupos de pessoas que (I) partilham um lugar/território de origem em comum, do qual, geralmente, foram deslocados de maneira forçada; (II) têm um vínculo com seu local de origem; (III) mantêm uma memória coletiva relacionada à conexão com sua terra natal; (IV) criam comunidades; e, (V) constroem identidades diaspóricas, onde convergem todos esses elementos [1].

[1] CAVALCANTI, Leonardo, et al. Dicionário crítico de migrações internacionais. Editora UnB, 2017

A troca e valorização do diálogo entre culturas e diásporas também precisa acontecer a partir da diversidade culinária, a qual sempre revela uma história que os países compartilham.

Para o Coletivo Diásporas Africanas, formado por mulheres africanas, migrantes, apátridas “quando perguntas a qualquer imigrante o que ele sente falta da sua cultura, é comum ouvires: a comida”.

Restaurantes de Comidas Africanas em São Paulo

Espaço Wema - gastronomia e histórias africanas. Rua Álvaro de Carvalho, 427 Bela Vista
Instagram @espacowema

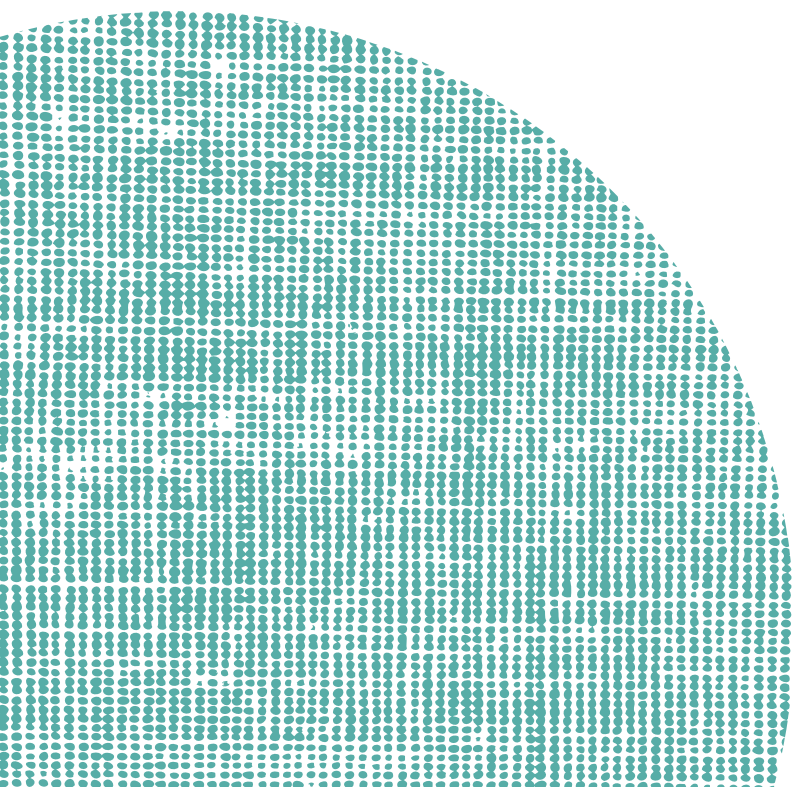
Congolinária - Av. Prof. Alfonso Bovero, 382 - Sumaré, São Paulo - SP, 01254-000
congolitaria.com.br

Mama Africa Labonne Bouffe - R. Cantagalo, 230 - Tatuapé, São Paulo - SP, 03323-045 -
mamaafricalabonnebouffe.com.br

Biyouz - Rua Alameda Barão de Limeira, 19 - Campo Elíseos, São Paulo - SP, 01202-001 -
contato@biyouzrestauranteafricano.com.br

Le Petit Village - Petit Village - Vila Buarque, São Paulo - SP, 01220-000

Afro Tabanka - R. Aurora, 1012 - Campos Elíseos, São Paulo - SP, 01209-002.





TERRITÓRIOS EDH

“NÓS SOMOS BEM-VINDOS, MAS NÃO SOMOS BEM-VINDOS”




A expressão “Nós somos bem-vindos, mas não somos bem-vindos”, extraída do curta-metragem “Liberdade” (2018), disponível no YouTube pelo canal do Centro Cultural da Guiné, retrata sucintamente o que é ser imigrante no Brasil. O curta provoca o telespectador a refletir e sentir as dores dos imigrantes através do retrato de diferentes trajetórias reunidas no bairro da Liberdade. A obra evidencia um panorama histórico-social cruel que o local carrega, sobretudo no que se diz respeito ao apagamento cultural da população negra escravizada.

O “Largo da Forca”, como era denominado o atual bairro paulistano, foi palco de imensuráveis violações dos direitos humanos, repleto de memórias que não devem ser apagadas para que não sejam repetidas.

O curta, cumprindo com esse papel do direito à memória e verdade do local histórico, faz referência ao período escravocrata e ao passado desconhecido de pontos turísticos do bairro. Concomitantemente, é retratada a realidade da atual situação dos imigrantes por meio dos relatos de Aboubacar Ngazy Sidibé, que expõe algumas das dificuldades que os imigrantes africanos enfrentam logo ao tentar entrar no país, assim como o esforço para sua permanência.

Abou, imigrante da Guiné-Conacri, é fundador e diretor do Centro de Estudos e Cultura da Guiné e nos concedeu uma entrevista que pode ser conferida a seguir.



1) O curta “Liberdade” retrata sua experiência pessoal transformando-a, através do conteúdo histórico exposto, em uma dor universal. Como foi para você a experiência de participar do filme no papel de um imigrante reivindicando as dores e memórias de um local?

“Inicialmente, não foi decisão minha fazer esse curta-metragem. Conheci Pedro Nishi [codiretor do curta] em uma apresentação que fiz em uma escola e foi ele que propôs uma pesquisa sobre a minha história como imigrante, e sobre minha casa que está localizada no bairro da Liberdade. A ideia era que pegássemos a história desse local e fizéssemos disso um projeto em conjunto, se passando na minha casa mesmo, o Centro de Estudos e Cultura da Guiné. Eu achei muito interessante, aceitei e comecei a pesquisar mais sobre a Liberdade, já que é um local que estou há bastante tempo. Conheço a relação do bairro, do metrô, dos outros imigrantes daqui, sobretudo porque a minha casa abriga diferentes imigrantes. Então, fui atrás da história do bairro, da praça, das igrejas, do cemitério, das mortes dos escravos nesse local e como isso foi transformado.

A história da liberdade, que os asiáticos e africanos trazem, precisa ser conhecida pelas pessoas. Muitas vezes os turistas são atraídos pelo comércio e não conhecem a história do bairro. O africano não tem esse comércio expressivo, mas tem muito africano e muita história. Aqui no Centro Cultural, por exemplo, estamos cuidando de 10 crianças, voluntariamente, sem financiamento, filhos de pais imigrantes africanos, todos com histórias. As pessoas estão começando a olhar para isso agora, devido ao filme/documentário, projeto que marcou muito a minha experiência.

O dia em que conversamos sobre imigrantes e a Liberdade foi muito bom. Ter a experiência de reunir um grupo, abrir minha casa, conversar com diferentes pessoas e discutir sobre a história do imigrante que ficou preso no aeroporto (que é uma história real retratada no filme) foi muito bom. Quando propus relatar sobre o imigrante da Guiné que veio para o Brasil e foi barrado no aeroporto e mantido por dois dias sem contato nenhum com ninguém, como se fosse um prisioneiro, o Pedro gostou. Ele disse que era uma história boa e, por isso, foi colocada no filme.

Parte da minha experiência que também entrou no curta foi sobre como trabalhamos com o grupo de música daqui, tocando tambor, sobre a dança e a cultura africana. De forma geral, o bairro da Liberdade tem muitos imigrantes que estão buscando a vida deles. Então a gente, primeiramente relaciona o filme com o Centro Cultural, o que foi pra mim muito educativo e muito bom, por falar sobre a minha experiência, e também sobre a relação da Praça da Liberdade com a escravidão. E segundo, é sobre cultura, sobre o metrô Liberdade, que não são só chineses e japoneses que moram aqui, porque tem muitos africanos também. Vocês, brasileiros, precisam saber disso.”

2) No curta, qual a relação do fantasma da imigrante japonesa com o apagamento da história africana na região da Liberdade?

“Seria dizer que essa casa onde estou hoje é uma casa antiga, que recebeu muitos imigrantes que já passaram aqui. Eu e Pedro decidimos falar sobre a história dela, da ancestralidade. Então 'Liberdade' tem a história da casa. Aqui há muitas pessoas para contar histórias, cerimônias, cantar através das manifestações artísticas, as vezes transportando do internacional pra cá. Eu consegui essa casa, a manifestação artística está aqui dentro. Então é assim que a gente trabalha nesse espaço, expressando a liberdade. É fantasia, porque tudo que estou vendo aqui, desde que vim aqui até hoje, está marcando a minha vivência. Minha vida a todo momento ganha experiência, todo dia que acordo assumo a liberdade. Eu sinto alguma coisa mesmo, é sobre isso um pouco: a fantasia.”

3) Há hoje em tramitação na Assembleia Legislativa o Projeto de Lei nº71/20 sobre a mudança do nome da estação de metrô da região para “Japão-Liberdade-África”. Como essa mudança dialoga com a memória do local?

“Nossa, essa mudança é bem especial, porque com o nome apenas “Japão-Liberdade”, ninguém vai saber da realidade. Teve uma jornalista que chegou aqui em casa e que não conhecia a história da Liberdade. Viu meus instrumentos, a tradição, gostou daqui e do bairro para morar, mas não conhecia a história de diferentes imigrantes que vêm morar aqui. É um pouco complicado também, porque com dois nomes de países, talvez seja difícil as pessoas entenderem um pouco... mas essa troca, colocar um pouco de África no nome, é uma identidade pra gente, uma identidade pro brasileiro, porque é uma coisa cultural e que dialoga. A cultura não é só dançar e cantar, é também dialogar, se comunicar. Talvez com a mudança ajudaria a conhecer mais do nosso povo, mostrar mais nossa personalidade, ajudar também as pessoas irem atrás.”



PERFIL EDH

O R I A N A J A R A



Oriana Jara Maculet, nascida em Valparaíso, em 1948, e falecida em São Paulo, em 2020, vivia na cidade desde 1980. Oriana foi uma mulher migrante que, ao longo de muitos anos, esteve firmemente comprometida com os direitos da população imigrante no Brasil, tornando-se referência internacional em direitos humanos.

Oriana foi fundadora da organização Presença da América Latina - PAL e conselheira eleita na primeira gestão do Conselho Municipal de Imigrantes e participou desde o início da formulação da Política Municipal para a População Imigrante (PMPI). Além de socióloga era formada em biblioteconomia e psicologia social.

Entre outras tantas faces, foi uma das precursoras na organização social e política das pessoas imigrantes em São Paulo, com cuidado atento às tantas variantes e complexidades que assomam esse grupo social, como raça, classe e gênero. Esteve sempre presente para consolidar propostas e para defender a cidadania imigrante no município.

Em razão dessa trajetória, em 18 de dezembro de 2020, a Prefeitura de São Paulo batizou o Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes (CRAI) - localizado na Rua Major Diogo, 834 - com o seu nome.

Apresentamos a seguir um texto escrito por Oriana sobre ser mulher e imigrante, publicado pelo [Migramundo](#) e gentilmente cedido para reprodução no Espalha EDH.



Ser mujer e inmigrante

Por Oriana Jara

Ser mujer nunca fue una tarea fácil. Más difícil todavía es ser mujeres inmigrantes. Pareciera nos quedamos detenidas en el tiempo: en el tiempo del nunca-jamás.

Claro que es necesario deshacer la idea de homogeneidad cuando hablamos de mujeres e inmigrantes. Somos diferentes, incluso las de una misma procedencia y cultura. Variamos en forma de ver, sentir y pensar nuestros universos, al igual que las Evas nacionales. La migración, también es un proceso diferenciado, motivado por múltiples situaciones y circunstancias. Qué nos une, como para poder hablar de mujeres e inmigrantes?

El quedarnos todas, detenidas en el tiempo, en el espacio, en el desencuentro de lo que vivimos y de lo que viven las otras, tanto nuestras semejantes generacionales que se quedaron en el país de origen, como de nuestras congéneres del país que nos cobija.

Por qué?

En la mayoría de nuestro países, desde los años 70-80 en adelante, comenzó un proceso más o menos ágil de educación y de toma de conciencia referente a la situación de discriminación y de desigualdad vividos por las mujeres. Reforzada por la imperiosa necesidad para la reconstrucción de la democracia perdida., la inclusión de la mujer fue uno de los puntos de sustentación.

Esto trajo políticas públicas, programas y acciones concretas que permitieron el desarrollo gradual de la auto-estima, de la conciencia ciudadana, el reconocimiento de la sociedad como un todo de los valores y poder de lo femenino y sus representantes. Pasamos a ser sujetos históricos, económicos y actrices sociales en el desarrollo de la Nación.

Eso sucedía en nuestro país de origen, mientras nosotras, en cuanto mujeres inmigrantes, ajenas a la vida, procurábamos sobrevivir, adaptarnos a una cultura nueva, sociedad desconocida y grupos nuevos de encuentro y desencuentro. Quedamos al margen de los procesos que las mujeres vivían en la sociedad de origen y la de acogida.

Sus posibilidades de opción, de ejercicio de su libertad, estaba en juntarse con las compatriotas, que podían hablar la lengua, que conocían símbolos y silencios, que podían tejer memorias en conjunto y recordar lo que no era más parte de nuestra vida: idealizar costumbres, hábitos, ideas y creencias muchas de las cuales , en el país de origen otras mujeres estaban procurando y luchando por revisar, modificar, cambiar.

Mientras las mujeres, se movían para cambiar, para ponerse a andar en nuevos rumbos, recrear un universo destruido por la dictadura, ellas, las inmigrantes caminaban hacia el interior de sus recuerdos, para buscar en la memoria lugares comunes, vacíos de contenidos porque, en el lugar donde fueron generados, estaban diluyéndose por arcaicos.!

Y, en el lugar de origen? Muchas veces largos silencios por no saber la lengua. Una tierra diferente, historia no conocida, cultura no compartida Imagen, auto identidad confusa que para sobrevivir tiende a cristalizarse en lo que creíamos que éramos y ya no somos más.

Ser mujer e inmigrante, es haber visto pasar el curso de la historia, por la vereda de enfrente. Ser mujer e inmigrante es haber quedado aparte, es no ser parte, es como dice la canción: yo no soy de aquí, ni soy de allá.

Éramos las transmisoras de la cultura, de nuestra cultura. Transmitimos qué? Cual cultura? La cultura cristalizada en el tiempo, que allá, en el origen , no existe más?

Transmitimos costumbres, hábitos, formas de vivir, a nuestros hijos que no quieren más, porque necesitan adaptarse a los hábitos y costumbres de sus pares en el país que viven.? Tratamos de detenerlos en el " como si"; como si fueran de nuestra nacionalidad., para comprobar con dolor que ni ellos ni nosotras somos más, eso que creíamos o soñábamos ser

Ser mujer y ser inmigrante es una desgracia? Para nada, como siempre es una opción. Puedo quedarme repitiendo las cosas de ese tiempo que ya no es más, o se puede optar por ser más adquirir nuevas formas, nuevas culturas, nuevos modelos, en fin, adquirir una nueva vida. Ampliar su conciencia con nuevas vivencias, con la vivencia de esos otros u "otras", otras culturas como la nuestra, en fin esos otros, que me complementan y enriquecen.

Es más difícil, sí, es más difícil.. Fuera del país, cortadas en el medio, tenemos que hacer ese proceso, profundamente solas.

Esto está en la raíz de toda mujer inmigrante., somos mujeres fuerte, profundamente solas y con mucho miedo. Y, cuando expreso esto, ni siquiera estoy pensando en la indígena, en la mujer tradición, en la mujer tierra, que hasta la tierra perdió, pues todo es asfaltado. Esa soledad debe ser cósmica, así como su silencio.

Expreso esto , no solo desde mi experiencia sino también luego de un proceso maravilloso realizado con mujeres, inmigrantes latinas, a través de un proyecto colectivo llamado. Mujer Latina, tú eres parte: no te quedes aparte, que publicó las Memorias Sociales de mujeres chilenas, (2010) , Uruguayas (2011) Colombianas (2012) , ahora está en curso el libro de las argentinas. Trabajo que permitió recuperar una nueva identidad, híbrida, multicultural, amplia y generosa y elegida. Elegimos ser de aquí y de allá y también de más allá.

Ser mujer siempre fue una tarea heroica, ser mujer e inmigrante más aún.

[Clique aqui veja a homenagem feita pela SMDHC à Oriana Jara](#)



**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS
HUMANOS**

**SECRETARIA MUNICIPAL DE DIREITOS HUMANOS
E CIDADANIA**

cedh@prefeitura.sp.gov.br